

Uma Alteridade Limitada

4.1 A fala narcísica

Nos capítulos de *O Manual dos Inquisidores* a fala de cada relator/comentador é invadida por lembranças que ativam uma sucessão de outras vozes; estas, por sua vez, entram em cena subvertendo a continuidade da narrativa. A polifonia, entretanto, não é reconhecida pelas personagens, incapazes de reconhecer a importância dessa outra fala que concentra as várias falas que constitui a personagem enquanto sujeito e esse obstáculo à alteridade vai prejudicar as personagens do seguinte modo: quando o eu se torna finalidade ao invés de um meio para se conhecer o mundo,¹ as personagens do romance acabam perseguindo uma série de fantasias alimentadas por um narcisismo que acaba por levar o sujeito à negação da presença do Outro e à construção de uma realidade que não vai além das percepções pessoais. Num ambiente fechado como este, a fantasia só pode assumir características claustrofóbicas, angustiadas.

Tal angústia carrega a narrativa de um tom expressionista² que transforma o ambiente numa extensão daquele que fala; deixando de ter simplesmente um caráter decorativo, o ambiente, nesse romance, está impregnado de significado. Os objetos, a música ou os animais³ estão marcados por um animismo característico de um surrealismo perverso que caracteriza o *Manual*, um surrealismo no qual a fantasia, ao contrário da vanguarda européia, não representa o caminho para libertação, e sim um elemento que mantém as personagens prisioneiras, sobretudo as mulheres, sob a forma de um mal-entendido, próprio ou de outrem, que projeta nelas suas fantasias.⁴ Além disso, ganham relevo todas as manifestações de auto-engano presentes no romance, é no relato de Albertina, governanta quinta, que essa situação atinge a sua forma mais dramática:

¹ Sennett (1988, p.16)

² “No sentido mais amplo, o termo “expressionismo” descreve qualquer arte em que a forma nasça de reações subjetivas à realidade, e não diretamente da realidade observada” (Beckett, 1997, p.340).

³ Principalmente os pássaros, constantes na obra antuniana e que em *O Manual dos Inquisidores* surgem como “agentes de uma observação suspeitosa e de escárnio” (Seixo, 2002, p.288).

⁴ Seixo (2002, p.303).

[...] o menino que me pertencia por preferir estar comigo a estar com o senhor doutor e a senhora, me acompanhava, pegado a mim, à cozinha, à sala de costura, ao correio, à confeitaria e ao mercado a Palmela.

(Antunes, 1998, p.104)

No percurso das lembranças que descrevem o dia-a-dia de Albertina como governanta, podemos observar como a fantasia interfere na interpretação dos fatos de modo a fazer com que ela entenda sua condição de governanta, como uma inclusão do núcleo familiar da quinta. Albertina se compreende, como a substituta de Isabel, a mãe ausente de João, à medida que com ele estabelece uma relação de maternidade, mas a própria descrição dos espaços por onde João a acompanhava (à cozinha, à sala de costura, ao correio, à confeitaria e ao mercado a Palmela) deixa explícita sua condição subalterna:

[...] e o próprio senhor doutor, tão diferente do homem em que se tornou depois, me convocava ao escritório e me mandava sentar como se fosse igual a ele para falar do estábulo ou a da horta ou das alterações no pomar
– Dá aqui uma ajuda Titina.

(Antunes, 1998, p.104)

O mesmo vale para sua relação com Francisco. Albertina não consegue enxergar que os pedidos feitos por ele se restringem apenas às tarefas domésticas. A governanta realmente se considerava íntima de João, de Francisco e de Isabel, cuja traição ao senhor doutor acompanha do começo até a derradeira discussão que termina com a saída da *senhora* da quinta:

[...] a porta do quarto aberta e o senhor doutor e a senhora a discutirem, a senhora a tirar roupa das gavetas e a amontoá-la na cama, a tirar as escovas da cômoda, a arrancar vestidos dos cabides, a pisar blusas, pisar echarpes, a pisar aquelas calças lindas de cetim que usava quando tinha visitas e arrastava agora atrás de si presas a um salto, não uma senhora mas duas ou três senhoras refletidas em ângulos diferentes nos espelhos, e o senhor doutor também dois ou três senhores doutores gesticulando uns com os outros como se estivessem zangados consigo mesmos, não com a senhora, a impedirem-lhe a passagem e a senhora, que não a conhecia assim, ameaçando-os com o secador de cabelo.

– Larga-me.

a lutar com aqueles senhores doutores todos

–Larguem-me.

(Antunes, 1998, p.105)

A descrição do fim do casamento entre Francisco e Isabel focaliza alguns objetos para reforçar certas características das personagens. Os espelhos, por exemplo, são

utilizados no discurso de Albertina, reproduzindo a figura de Francisco tentando impedir a saída de Isabel, porém ela está tão determinada que é capaz de enfrentar Francisco e todos os seus reflexos.

A lembrança dessa cena parece ser a narrativa-base do relato, agregada às lembranças de João e às desculpas inventadas por Isabel para se encontrar com o amante. Em todos esses momentos, Albertina reforça a fantasia de fazer parte do núcleo familiar da quinta.

[...] as criadas saltitando de curiosidade na cozinha, empurrando-se uma às outras na excitação das desgraças

– Ele vai bater-lhe não vai dona Titina ele vai bater-lhe quanto queres apostar que vai bater-lhe.

[...] as criadas tão contentes como gralhas acotovelando-se de êxtase

– Ele vai bater-lhe não vai dona Titina ele vai bater-lhe quanto queres apostar que vai bater-lhe.

(Antunes, 1998, p.110)

O contraste entre a reação das criadas, cuja empolgação revela um conflito de classe, e as reações de Titina demonstra como ela realmente se considerava parte da família de seus patrões, ilusão que vai permanecer mesmo depois de ser expulsa da quinta por Francisco:

– Quero toda a gente fora daqui Titina

[...] expusando-me juntamente com o pessoal, o tratorista, o caseiro, estalando a culatra e disparando para os cedros numa revoada de corvos

– Rua comunistas.

[...] a estufa branca, as rolas brancas, o céu branco e os eucaliptos negríssimos, o senhor doutor a apontar a cigarrilha para mim e a emprurrar-me com a coronha

– Rua comunista.

[...] os cães aos pulos no jardim, a entrarem e a saírem das salas num rebuliço de latidos, os eucaliptos negríssimos e a culatra a estalar outra vez e a disparar não para os cedros, não para as gralhas que se multiplicavam alarmadas nas copas, a disparar na minha direção.

– Rua comunista.

(Antunes, 1998, p.157-8)

A fala de Francisco é explícita quando surta durante a Revolução dos Cravos: todos os seus empregados, sem exceção, representam o inimigo de classe, portanto, devem ser expulsos da quinta. Albertina, por sua vez, não entende por que teve de sair da quinta junto com o caseiro e o tratorista. Francisco, que gritava no plural para que os *comunistas* saíssem da quinta, dirigir-se-à diretamente a ela quando a chamar, no singular, de

comunista. Um fato que ela mesma vai admitir quando lembrar que os disparos eram em sua direção.

Mesmo depois de expulsa da quinta, Albertina vai continuar alimentando a fantasia de casar-se com Francisco. Morando agora num abrigo para mulheres chamado lar Misericórdia de Alverca, mistura ficção e realidade quando reconhece o abandono em que vive e a doença de Francisco, mas Titina continua a acreditar que um dia Francisco virá buscá-la; nesse momento, seu relato é permeado por um estilo que lembra os contos de fadas:

[...] eu não suportava a idéia de o ver numa cama, de boca torta, alimentado a caldos, que sei que um dia destes vem a Alverca buscar-me, entra pela Misericórdia dentro com aquela segurança, aquela majestade, aquela autoridade, afastando a terapeuta ocupacional como se afasta um moscardo aborrecido

– A tua bagagem Titina?

[...] sem ligar aos bordados, aos malmequeres de feltro, às minhas colegas deslumbradas com um homem assim

– A tua bagagem Titina?

(Antunes, 1998, p.153)

Entretanto, a ficção criada por Albertina vai chocar-se com a cruel realidade no momento em que João, ao visitar Isabel, sua mãe, no lar Misericórdia de Alverca, é chamado por Albertina e não a reconhece.

Joãozinho

sem descobrir onde velhota aprendera o meu nome e felizmente que era hora de saída e ofereci uma laranjada à Lina.

(Antunes, 1998, p.169)

Em contrapartida, essa preocupação em afirmar ser o que não é talvez demonstre a consciência íntima de que assumir a realidade seria algo muito doloroso. Por isso, talvez, o auto-engano seja algo tão intenso na fala de Albertina.

O narcisismo faz com que Albertina se identifique com uma classe a que não pertence. No sentido oposto, nos relatos de Sofia, ex-esposa de João, e de Pedro, tio de Sofia, o narcisismo assume a forma de uma poderosa ojeriza às classes populares, sintoma de uma necessidade de preservar a auto imagem de elite.

Em toda a minha vida só fui à quinta de Palmela duas ou três vezes no máximo. Não gosto de vacas, não gosto de porcos, não gosto do cheiro de estrume em todo o lado, e não

gostava do meu sogro a medir-me de alto a baixo como se nunca me tivesse visto e não fosse nora dele há dez anos.

(Antunes, 1998, p.57)

A ojeriza de Sofia à quinta não é apenas uma questão de gosto, significa a rejeição à mentalidade rural que a quinta representa. O comentário da nora de Francisco, portanto, pode ser encarado, dado o seu tom exagerado, como uma grande caricatura das elites urbanas que ascendem durante o Estado Novo. Beata, frívola e inculta⁵ como Sofia, essa nova elite possui os mesmos valores da geração anterior. Se, por exemplo, o ódio às classes populares explode de uma forma mais explícita em Francisco com a Revolução dos Cravos, no depoimento de Sofia, a repulsa aos pobres é uma marca constante:

Há uma data de anos levaram-me ao Alentejo ao crisma da filha de uma costureira que casou lá de casa e o que vi foi uma multidão de cafres, homens de bigode e mulheres de carrapito, a mastigarem de boca aberta e a despejarem pratos inteiros de sanduíches de presunto para sacos de plástico, agarrei-me à saia da minha mãe, espantadíssima, e a minha mãe na careta de uma rainha cercada de vassalos que a não merecem, a encolher de ombros conformados.

– Por mais os que puxemos esta gentinha é assim.

(Antunes, 1998, p.59)

A repulsa que Sofia sente pelas classes populares é tão grande que a faz transformar até mesmo uma simples festa de aniversário num espetáculo grotesco. É através dessa impressão que Sofia procura compreender as diferenças sociais. A existência da miséria, para o mundo de Sofia, é um dado da natureza e não uma produção da sociedade, o que transforma atos, como o de caridade, em algo semelhante à criação de animais domésticos.

[...] e após a morte do meu pobre ofereceram-me um pobre mais novo que durasse mais tempo, saudável ainda sem tosse, batizado e com vacinas em dia, aconselhado pelo senhor prior por não ter vícios nem ser capaz de me faltar ao respeito, que tive de mandar embora no Natal seguinte e de me queixar pela sua falta de educação nas noelistas porque caí na asneira de lhe dar dez escudos e ao recomendar-lhe

– Agora veja lá não gaste isso em aguardente

respondeu-me malcriadíssimo a virar e a revirar a moeda

– Claro que não menina claro que não fique descansada que vou direitinho ao *stand* e compro um Alfa Romeo.

(Antunes, 1998, p.61)

No ato de rebeldia de seu *novo pobre*, Sofia percebe uma insatisfação inerente à

⁵ Seixo (2002, p.299).

condição de pobreza, mas, como ela a encara como um fenômeno da natureza, fica surpresa com o fato de que os pobres “não sabem colocar-se no lugar deles” (Antunes, 1998, p.61) e nunca mais quer um pobre para si, pois, para ela, já bastavam os aborrecimentos da vida, como os problemas do cabeleireiro ou com os filhos; porém, essa redoma de futilidades na qual Sofia vive seria rompida pelo “pesadelo da revolução” (Antunes, 1998, p.61): “– Os comunistas tomaram Portugal Sofia se a menina não acredita ligue o rádio”(Antunes, 1998, p.62).

O 25 de Abril significava, para Sofia e sua família, a concretização de seus maiores temores. Os pobres, uma vez insuflados pelos *russos*, viriam da encosta, segundo Sofia, “roubar-nos, deitarem-se em nossas camas e comerem aos arrotos na nossa sala de jantar apesar dos esforços do senhor prior para lhes ensinar maneiras na homilia da missa das oito” (Antunes, 1998, p.62).

A família de Sofia, por outro lado, reage como pode ao processo revolucionário:

[...] os primos, preocupadíssimos, coitados a sofrer vexames na companhia de seguros, no escritório, na imobiliária, no banco, com os contínuos e os escriturários a invadirem-lhes sem autorização o gabinete onde tentavam às pressas transferir alguns tostões para Zurique.
(Antunes, 1998, p.63)

No processo revolucionário, os humores são alterados, e a população, uma vez sem a ameaça da máquina do Estado Novo, agride todos aqueles ligados de alguma forma ao antigo regime, por isso os ataques à Igreja, ao Estado e à elite financeira tornam-se inevitáveis, deixando para a família de Sofia, apenas a alternativa da fuga. Quando chegam à fronteira, Sofia se surpreende por descobrir que “não existiam tanques soviéticos no Alentejo nem homens de gorro de astracã e botas de bailarinos caucasianos a tocarem a balalaica e a vigiarem a estrada” (Antunes, 1998, p.61). Enfim, como ela mesma iria comprovar, a Revolução dos Cravos não era fruto de uma invasão da Rússia.

A fuga não quer dizer que a situação tenha melhorado para Sofia – seus primos estavam presos, e ela é obrigada a aguardar fora do país o desenrolar de uma revolução que tinha tudo para transformar Portugal numa república marxista, não fosse a intervenção direta da embaixada norte-americana que “convocou os bolcheviques, passou-lhes um raspanete em forma e mandou que deixassem em paz os meus tios” (Antunes, 1998, p.65). O “raspanete” provavelmente se refere à pressão norte-americana para alterar os rumos da revolução; independente desse perigo, a Revolução dos Cravos, mesmo tendo aspirações

socialistas, não poderia chegar ao seu intento devido a um quadro ideológico extremamente conservador, como o encarnado pelas personagens de *O Manual dos Inquisidores*, cujo discurso enunciado corresponde ao discurso da “maioria silenciosa”⁶ que não desejava que a Revolução dos Cravos se transformasse numa revolução socialista.

A revolução portuguesa teve força para acabar com uma ditadura que durou décadas, porém foi incapaz de mudar hábitos, formas e estruturas da vida política,⁷ objetivos básicos para o caminho que a revolução parecia seguir. Uma transformação dessas exigiria uma revolução cultural que não aconteceu e, por isso, o 25 de Abril acabou tendo de se contentar em ser a última revolução liberal da Europa Ocidental na qual ascende uma nova elite dirigente.

Claro que não foi agradável para minha família nem para mim e por isso mesmo hesitamos, medimos os prós e contras, adiamos a decisão, chegamos a pensar esquecer o que o João nos fez, porém, quando os nossos técnicos nos mostraram a maquete e explicaram que a quinta de Palmela dava uma urbanização com dividendos ótimos, tivemos de atuar a pensar no lucro.

(Antunes, 1998, p.85)

É a imagem da quinta transformada num empreendimento turístico à imagem desse novo tempo; o discurso enunciado por Pedro, tio de Isabel, pode ser entendido como verdadeiro por ser o discurso do capital financeiro que assume e transforma a quinta num empreendimento *rentável*; Pedro só vai deixar de resistir à idéia de tomar posse da propriedade de Francisco quando os técnicos lhe disserem que a quinta poderia ser um rentável empreendimento turístico.

Depois de ser convencido, Pedro considera importante desenvolver o turismo na região para gerar empregos, mas está ressentido pelo tratamento sofrido durante a Revolução dos Cravos, quando é levado junto a *presos comuns* sob a ameaça dos exaltados que exigiam a morte da burguesia em nome da *justiça popular* num período em que todo o ódio represado por anos de ditadura foi liberado. Pedro não entende o porquê de tanta revolta, já que, segundo ele, não explora ninguém e, além disso, ajuda aos pobres.

⁶ O general Augusto Spínola acreditava que a maioria da população portuguesa não aceitaria uma revolução comunista em Portugal e chamava essa maioria de maioria silenciosa. (Seixo, p.259)

⁷ Idem p.259

[...] eu que não exploro classe operária nenhuma, pelo contrário, farto-me de ajudar os que pedem esmola nos semáforos, de contribuir com sacos de feijão para a sopa dos pobres, tirem a limpo a gorjeta que deixo nos restaurantes [...].

(Antunes, 1998, p.88)

Talvez por rejeitar a idéia da exploração do trabalho, Pedro tenha reagido de uma forma tão rápida durante a Revolução dos Cravos quando tentou “arranjar na prisão os negócios da família, a dar instruções de compras e de vendas na hora das visitas” (Antunes, 1998, p.90), ou quando convenceu os franceses a “fechar a torneira aos bolcheviques, a agüentar a imobiliária com capitais australianos” (Antunes, 1998, p.90), numa clara demonstração da desterritorialidade desse novo tipo de capitalista que, através de um telefonema, pode movimentar uma gama enorme de recursos.

Entretanto, se por um lado a fala de Pedro está integrada ao que há de mais avançado no que se refere à articulação com o grande capital; por outro, o discurso da personagem revela uma série de concepções que vão de encontro a qualquer base democrática: “antes de desligar, como é possível o meu voto valer o mesmo que o voto de um energúmeno para quem a felicidade é um Mercedes amarelo e elogia de borracho as raparigas”, (Antunes, 1998, p.89).

Além de suas reservas a um dos pilares da democracia burguesa, o voto universal, Pedro também é contrário ao crescimento da classe média porque, na sua opinião, o grande erro de Salazar foi permitir que “essa gentinha enriquecesse, entrasse na Universidade, entrasse no Exército” (Antunes, 1998, p.90); Pedro também resiste à “parvoíce” da independência dos países africanos (Antunes, 1998, p.90), numa clara demonstração de que o discurso que substitui a fala de Francisco, apesar do desenvolvimento tecnológico, não é tão moderno assim.

Interpretando as falas das personagens de *O Manual dos Inquisidores* como manifestações ideológicas, principalmente os comentários de Sofia e de Pedro, podemos concluir que seus discursos são tão marcados pelas formações ideológicas do Estado Novo que, na verdade, não representam o agente que levou Portugal à sua nova fase de modernização, isto é, a nova burguesia foi lançada a essa nova etapa da história portuguesa por um elemento aparentemente externo à sociedade, mas integrado a ela enquanto sistema, e foi este elemento que, depois da *modernização*, foi expulso da fala das personagens para que se colocasse em seu lugar uma fabulação, mesmo que ressentida, do 25 de Abril. A

causa para o 25 de abril não pode ser encontrada dentro de Portugal. Ela está no que era considerado o elo mais fraco do sistema colonialista português – a África.

4.2. O terceiro mundo está entre vós

A Revolução dos Cravos em termos ideológicos não começou em Portugal, mas na África.⁸ O movimento que encerrou as décadas de autoritarismo em Portugal nunca teria eclodido se os guerrilheiros africanos não tivessem iniciado um conflito que colocou o exército português diante de um impasse militar⁹.

A relação de causalidade que vai da guerra colonial à Revolução dos Cravos, entretanto, sempre é negada pelas personagens do romance. Mesmo diante do impasse inevitável, a possibilidade da independência das antigas colônias é refutada, mas quando esse momento chega, já é impossível esconder que a guerra colonial se tornou o elemento central da política portuguesa.

[...] que era de mim que ele gostava, o professor Salazar a vir de propósito a Palmela com o secretário e aqueles agentes todos a fim de discutir o governo do País, jipes patrulhando a quinta, a Guarda a pedir o bilhete de identidade ao tratorista e a afastar as pessoas com raquetas encarnadas, e ao meio das decisões sobre o Ultramar, Portugal uno e indivisível do Minho a Timor, a civilização cristã, Afonso de Albuquerque, o milagre de Fátima, a última barreira contra o comunismo ateu mas deixando de blábláblá e passando a assuntos sérios damos a África aos pretos, o secretário

(que a mim não me tiram da cabeça que não fosse maricas bastava ver-lhe os tiques e a forma como olhava o chofer)

encolhendo os ombros a pousar a torrada

– Os pretos sabem lá o que querem

o ventinho de março no capim, uma promessa de umidade a alterar-nos os ossos, o Professor Salazar a bater a caneta num dossiê

– Que grande novidade você me traz Rodrigues se os pretos soubessem o que querem não havia problemas eram brancos

uma promessa de umidade a crescer em grandes manchas escuras que não enganavam as rolas na crista da estufa nem os meus tornozelos a enferrujarem-se de cristais, o professor Salazar servindo-se de açúcar a medir os prós e os contras de dar a África aos pretos, de súbito noite, de súbito os primeiros pingos nas roseiras, a dona Titina numa dobadeira a acender as luzes, o senhor doutor levantando-se do sofá a pedir autorização do professor Salazar

– Com licença

o secretário a retomar a torrada num murmuriozinho de espanto

⁸ Secco (2004, p.58)

⁹ Portugal fez um esforço de guerra em África nove vezes superior ao esforço de guerra norte-americano durante a guerra do Vietnã. Sob a aparente “pacificação” nas colônias africanas, salvo a Guiné considerada até pelos estrategistas mais reacionários um “miniVietnã”, se escondia o desgaste que iria impulsionar o 25 de abril. Para maiores informações ver Tomé (2004)

– Por acaso conheço um preto que usa óculos e é professor de francês o senhor presidente não acha esquisitíssimo?

(Antunes, 1998, p.112-113)

A preocupação de Salazar, que vai se aconselhar com Francisco na quinta, com a guerra colonial, um assunto sério contrastado com a mitificação de base católica que envolve o Estado Novo, vai colocar os nomes mais importantes desse regime diante de um impasse de ordem subjetiva. Se os *pretos* não sabem o que querem, como explicar que se tornem um entrave para a dominação do primeiro Império a envolver todo o planeta? As grandes manchas escuras que crescem observadas pelos pássaros são a manifestação expressionista de uma guerra que vai acabar por inverter toda uma lógica de produção subjetiva, servindo de inspiração para alguns dos principais nomes da geração de militares que vai terminar com o salazarismo.¹⁰

A guerra colonial, portanto, produziu uma nova subjetividade, uma subjetividade que a escrita vai encarar nesse romance através do contraste entre uma forma de construção romanesca com características dialógicas contrapostas à construção de personagens que renegam a alteridade, com todas as conseqüências descritas anteriormente. Uma primeira maneira de tentar colocar essa discussão seria pensar a condição do sujeito em *O Manual dos Inquisidores* como um sujeito que, além de cindido, *não tem consciência de sua forma*, isto é, o dialogismo é rejeitado de tal modo que acaba se tornando um elemento desconhecido pelo sujeito da enunciação e esse desconhecimento tem por objetivo encobrir a condição colonial enquanto elemento constitutivo da sociedade portuguesa.

Todavia, essa tentativa de exclusão do conflito no ultramar só faz com que a experiência da guerra colonial retorne de maneira abrupta para demonstrar não só essa grande ferida narcísica da sociedade portuguesa, mas como a colônia está presente na metrópole de uma maneira muito mais intensa e profunda que se possa imaginar. A intervenção desse elemento completamente negativo na cena colonial vai iniciar uma dialética que terá como síntese a destruição do colonialismo, um processo que só será plenamente compreendido caso seja analisado uma outra fala, uma fala que descreve a

¹⁰ “Além do óbvio descontentamento com o serviço militar em regiões inóspitas, em condições tão diversas da geografia da metrópole, alguns militares, por motivos profissionais, foram obrigados a travar contato com livros sobre guerrilhas (Mão Tse Tung, Guevara, Giap, Mariguella, Samora Machel etc..) como foi o caso do major Otelio Saraiva de Carvalho, futuro comandante operacional da revolução portuguesa” (Secco, 2004, p.105-106).

presença do elemento *positivo*, no caso o colonizador, dessa dialética na colônia e o modo de construção da imagem do colonizado.

O médico em Luanda disse-me que por causa de África eu não podia ter filhos e África para mim foram vinte e seis anos seguidos no mato em Angola, não numa cidade, não numa vila, no mato, no mato-mato, sem luz elétrica, sem conforto, sem nada apenas a casa do chefe de posto vazia, a cantina do meu marido, uma data de pretos miseráveis à volta, preguiçosos como o diabo, coçando a barriga frente ao rio, e o médico para mim a abanar a cabeça.

(Antunes, 1998, p.190)

O comentário de Alice representa muito bem como essa visão do colonizado constrói o discurso: “– Com vinte e seis anos de África o que é que a senhora queria?” (Antunes, 1998, p. 189). A frase irônica do médico dirigida a Alice pode ser lida como uma síntese de todo o processo de colonização portuguesa, uma estadia no inferno que não trouxe nenhum fruto ao colonizador.

A ausência do estatuto da “missão civilizatória” só acentua a angústia da condição de colono que nem pode voltar para a sua terra natal, nem permitir a interação com o ambiente, pois esta atitude inviabilizaria a exploração da colônia, que deixaria a condição subalterna se mantivesse um diálogo em iguais condições com a metrópole. Só resta, então, a Alice, já que não é possível simplesmente encobrir o Outro, carregar nas tintas ao máximo nesse retrato do inferno:

[...] crocodilos e mosquitos era menos, uma pessoa habitua-se às terças conforme se habitua àqueles lagartos resumidos a um olho à deriva no rio que de quando em quando engoliam um preto como quem engole uma dragéia, o que não fazia grande mal porque os prestos nasciam às ninhadas ao ponto de eu pensar que as mulheres deles, em vez de engravidarem, punham à noite uma dúzia de ovos nas cubatas e de madrugada, ao acabarem de chocá-los, havia um novo bando de pretinhos aos saltos no capim, de maneira que crocodilos e mosquitos eram o menos, o pior era ninguém nos comprar nada na cantina a não ser o meu marido que se tornara o único cliente de si próprio [...].

(Antunes, 1998, p.190)

A fixidez do discurso colonial chama a atenção por tentar encarar o Outro dentro de uma ordem inalterada, mas marcada pela desordem, pela degeneração e pela repetição demoníaca.¹¹ O estereótipo é a principal estratégia discursiva. Para Alice, os angolanos têm tantos filhos que parecem chocá-los aos montes durante a noite como os crocodilos; o indiano, sempre prestativo, carrega várias garrafas ao mesmo tempo como um deus hindu; o fornecedor chinês faz cobranças à quitanda de Alice com a frieza de um mandarim. Todos

¹¹ Babha (1998, p. 105).

esses estereótipos serviram de sustentação ao discurso colonial, porém, no depoimento de Alice, eles são tão acentuados que acabam perdendo a sua fixidez para revelar o temor do colonizador de ser engolido pelo meio, pelo Outro, tal qual o marido de Alice, cuja caracterização vai remeter a um dos principais temas da literatura naturalista – a do homem que degenera pela influência do meio:

[...] o meu marido a quem a falta de cerveja, julgava eu, tirava o gosto à vida, a levar aos ais e aos suspiros pela preguiça dos pretos, o meu marido, julgava eu, enfiado na sanzala a refogar melancolias na mandioca, chegando a casa e tombando na cadeira de balouço sem palhinha, a segurar a testa com a palma torturada
– Não me digas nada Alice.

(Antunes, 1998, p.191)

Com a morte do marido, engolido por um crocodilo, situação que completa a sua absorção pelo ambiente, Alice segue para a capital, Luanda, e observa a mesma decadência do interior do país; aqui ainda estamos diante do *naturalismo* clássico, pois se trata do espaço do Outro; porém, quando Alice retorna a Portugal, continua a utilizar o mesmo modo de representação usado na colônia.

[...] a Cova da Piedade, senhores, a mesma desgraça do que em Angola com a diferença dos pretos sermos nós, os mesmos vazadouros, os mesmos baldios, os mesmos edifícios trôpegos, os mesmos burros mortos a impedirem-nos a porta a gente a inventar comida a partir de cascas e de ossos e a coçar a barriga por não haver emprego, a minha prima Alda casada com um barbeiro que à falta de clientes portugueses enforcava numa toalha os habitantes de musseque mais à mão.

(Antunes, 1998, p.193-194)

Quando afirma ver as mesmas condições de vida da colônia africana em Portugal, com a diferença de os “pretos” serem os portugueses e não angolanos, Alice aponta para o fato de o colonialismo ser um sistema que envolve a colônia e a metrópole, sistema este sustentado por uma ditadura aparentemente invencível, a não ser que o aspecto positivo seja confrontado com o seu contrário: o lado sombrio, selvagem, animalesco representado pelo negro africano. Ente que, para atingir a humanidade negada pelo colonizador, deve partir para a ação e efetivar a síntese que porá fim ao sistema colonial e, conseqüentemente, ao colonialismo. Essa síntese, entretanto, é dolorosa e aparentemente impossível porque, paradoxalmente, o homem colonizado só pode atingir a humanidade através de sua

negação – a violência:

[...] no começo da guerra em África, em mil novecentos e sessenta e um quando os pretos assassinaram os brancos em Luanda e havia cabeças espetadas em paus, adolescentes com testículos dos pais na boca, crianças decepadas e fetos tirados dos ventres pendurados como balões de Santo Antônio nos ramos, cordões de tripas entre colunas das casas como grinaldas de papel das feiras, o professor Salazar mandou-me a Angola com o major e até na baía onde os pássaros do mar, sem nome, magros e pernaltas, que seguiam as traineiras numa felicidade cruel, até na baía, note, cheirava a charco e a carne defunta, um relento doce, humilde, enjoativo, de cachorro apodrecido, um relento de joelhos, cabisbaixo, a umidade pegajosa como um vômito, uma chuva de vômito, eu queira voltar ao navio e regressar a Lisboa, estar longe das balas toda a noite, das vísceras ao léu, dos bairros devastados, o major a empurrar-me com o joelho.

(Antunes, 1998, p.376)

É diante dessa negação enfática que Francisco vai se deparar quando chegar a Angola logo no início da guerra colonial. Nesse cenário desolado, cercado por cadáveres, Francisco é dominado pelo pânico, algo curioso em alguém conhecido por sua frieza. Ele fica desorientado com um ambiente tão violento onde até a natureza parece satisfeita com o massacre. Os pássaros sem nome são os pássaros quase mortais da alma que intitulam o último capítulo; esses pássaros segundo o relato do personagem circulavam pela baía com uma felicidade cruel.

Nesse momento, Francisco, por meio de uma metonímia associada à palavra desprezar, retorna à clínica para comentar o tratamento recebido pelas enfermeiras. Logo, ele é arrastado pelas suas lembranças a Angola.

– Não seja cobarde senhor ministro

[...] a desprezar-me como as empregadas me desprezam ao mudarem-se os lençóis urinados, o pijama urinado, ao mostrar-me, furiosas, a palha do colchão, culpando-me de perderem o autocarro para casa

– O diabo do velho

o major a enxotar-me para aquele silêncio glauco entre os tiros, os pássaros pernaltas da baía, as vísceras escuras nas valetas e os dedos cortados com tesouras de podar.

(Antunes, 1998, p.376-377)

A relação invertida entre Francisco e o major faz pensar, em termos de centro e margem que, uma vez iniciada a guerra colonial, as relações assumem uma forma reversiva: do comandado (o major) sobre o comandante (o ministro), da colônia sobre a metrópole, do negro sobre o branco e, como a tropa portuguesa não consegue encontrar os guerrilheiros, do invisível sobre o visível.

[...] o major e eu nas patrulhas de jipe durante os crepúsculos sobre a chuva, o asco dos mortos, os faróis oscilando a descobrirem muros ângulos de prédios, taludes, construções de adobe, rápidas sombras que fugiam, e numa aldeia de cadáveres, cadáveres de cachorros, de vitelos, de mulas, de pessoas, de coisas, cadáveres de cadeiras, de caçarolas, de baldes de gavetas, de fogões, disparos nossos, disparos dos outros que eram nossos também, eu no assento, escondido atrás das costas do major, a segurar as lágrimas em gemidos de ovelha, com uma pasta molhada entre a pele e as calças e o major a endireitar-me no banco, filando-me a camisa com a raiva na mão

– Tens termos senhor ministro seja um homem não me obrigue a bater-lhe.

(Antunes, 1998, p.377)

Mais uma vez, a narrativa prende-se aos objetos como uma forma de construir o cenário onde acontece o episódio. Ao invés de uma narrativa linear, a lista do conjunto de objetos já permite ao leitor construir por si só o espaço narrativo. Vale a pena ressaltar a ênfase nos cadáveres, não só de pessoas, mas também das coisas, um paradoxo que dá um tom estranho à narrativa.

Disparos assumem um sentido ambíguo, pois podem significar – quando Francisco diz que os disparos dos outros também eram nossos – que os guerrilheiros eram considerados ainda colonos, que eles eram portugueses e até que esses disparos eram consequência da intransigência da política salazarista em querer ainda manter colônias durante a segunda metade do século XX. Uma postura insustentável e que acabou por levar à derrocada de todo o antigo regime.

Francisco fica tão descontrolado com o cenário que não administra suas funções; ou fica tão abalado que perde o controle de suas funções fisiológicas deixando molhadas a parte entre a calça e a pasta. É interessante comparar esse episódio com o relato da presa, analisado no segundo capítulo, narrado pelo próprio Francisco. Enquanto no episódio da presa, mesmo com uma inveja que ele mesmo reconhece, Francisco mantém um controle e decide *suicidá-la*; no caso da insurreição em Angola, ele é dominado pelo pânico, o que demonstra que esse deslocamento representa o impacto desse conflito externo na política portuguesa.

[...] o gramofone de caixa de madeira e câmpula amolgada parecida com as trompas dos anjos a tocar a Internacional ao acaso dos ressaltos da agulha, o major disparou a pistola contra a música e a caixa de madeira transformada numa complicação de cilindros e de molas transformada numa complicação de cilindros e de molas e de mecanismos estranhos, o major para os agentes, apontando as paredes de barro e de trapos e de pedaços de cartão, apontando o capim, os fragmentos de telha e os pneus usados no teto.

(Antunes, 1998, p.377)

Nesse trecho, a utilização da Internacional simboliza uma característica curiosa do movimento de descolonização que consiste em usar diversos elementos da cultura européia, muitas vezes atribuindo ou potencializando o caráter libertário desses elementos.¹² A Internacional, tocada numa aldeia angolana, torna mais intenso o desejo de unir os povos do mundo na luta contra a opressão. Além disso, quando pensamos no contexto colonial português, ouvir essa música nessas condições significa, para o Estado Novo, ver no guerrilheiro africano a encarnação de um fantasma combatido em Portugal com toda a força – o comunismo.

O major parece perceber a ironia de tal situação e acaba destruindo o gramofone com um tiro. Depois, “apontando as paredes de barro” (Antunes, 1998, p.378), as “outras cabanas e palmeiras” (Antunes, 1998, p.378) e, finalmente, para Francisco, ordena.

– Queimem esta merda toda

[...] os agentes que aumentavam e diminuam consoante as lanternas trouxeram as latas do jipe, desroalharam as latas, regaram-me de petróleo, chegaram-me um fósforo e comecei a arder, palavra, comecei a arder, comecei a arder de maneira que é tarde demais para sair daqui, tarde demais para você me desatar a ligadura do braço e me ajudar a levantar e a caminhar para o armário, tarde demais para tirar a roupa do cabide, me vestir tropeçar corredor fora amparado a si [...]

(Antunes, 1998, p.378)

Os soldados portugueses, diante do impasse da guerra, queimam de uma vez só o colonialismo e o fascismo nessa passagem alegórica ao queimar Francisco numa aldeia angolana e realizam a síntese completando o processo iniciado pela rebelião negra. Há a síntese entre o desejo de libertação da colônia e do fascismo, mas há uma outra síntese alegorizada nesse episódio. A síntese entre a coisa, no caso a barraca em chamas, e o salazarismo derrotado, ambos acabam queimados pelos soldados que sintetizam em sua ação o esforço pela descolonização. O ato de queimar nesse relato inaugura um novo tempo que o próprio Francisco reconhece quando afirma não ter mais tempo para voltar à quinta. Diante dessa constatação, o senhor doutor até se esforça numa tentativa de se redimir de sua falta de afeto para com seu filho, porém o tempo implacável acaba cortando a sua fala. A tentativa frustrada de Francisco contrasta com a postura de outras personagens que continuam radicalmente presas a um passado obsoleto.

¹² Said (1999, p.333).

4.3. Portugal profundo, uma nau sem oceano

A *morte* de Francisco em uma aldeia angolana, obra de seus próprios soldados, não pode deixar de ser encarada como um parricídio praticado por uma geração mais jovem, cansada de seguir as ordens de um pai-despótico que impunha a luta contra alguém que não consideravam como um inimigo, e que, além disso, exercia um certo fascínio¹³ sobre aqueles que derrubariam o Estado Novo.

Após a queda do salazarismo, ficou o desafio de recriar o Portugal profundo distorcido por décadas de autoritarismo, projeto que as personagens em *O Manual dos Inquisidores* são incapazes de fazer.

A “danação de abril”, isto é, o relato ressentido da revolução feito pelos setores da sociedade portuguesa, praticado pelos personagens, principalmente os mais ricos como Sofia e Pedro, revela uma visão do mundo ainda muito comprometida com a ideologia do antigo regime diante do novo acréscimo à mitologia portuguesa: o 25 de Abril. Um acontecimento capaz de romper com a linearidade do tempo e exigir das personagens o exercício da policronia para a prática narrativa.

O narcisismo, por sua vez, sustenta essa temporalidade e impede que a alteridade se manifeste e a dúvida possa surgir, iniciando, talvez, um processo de *autopoiése*. Mesmo assim, o que ficou proibido acaba aparecendo de forma abrupta no episódio narrado por Francisco e que encerra o livro. A preferência pela “danação de abril”, em detrimento de uma recordação da guerra colonial, significa um esforço de uma subjetividade que procura evitar uma lembrança que poderia provocar uma crise de identidade, como outros processos de descolonização causaram em outros países europeus como, por exemplo, a França.

O centramento no passado glorioso que sustenta essa superidentidade, terá no *Manual* o seu correspondente na construção da heterotopia do barco como metonímia mais constante. A heterotopia é um lugar real, delineado pela sociedade, que representa uma espécie de contraposicionamento, uma utopia efetivamente realizada na qual os posicionamentos reais, encontrados no interior da cultura, são, ao mesmo tempo,

¹³ Idem (Said, 1999) p.499.

representados, contestados e invertidos.¹⁴ Enfim, heterotopia é um não-lugar (utopia) que pode ser encontrado. A heterotopia tem uma função dentro da sociedade: ora abriga o desvio, como a prisão e o bordel, ora o ideal de uma sociedade, como as bibliotecas e os museus.¹⁵ A heterotopia por excelência, dentro dessa perspectiva, sem dúvida é o barco espaço flutuante que vive por si mesmo, “fechado em si e, ao mesmo tempo, lançado ao infinito do mar”.¹⁶

A partir dos descobrimentos será o barco a maior reserva de imaginação do Ocidente, e a nação que iniciou esse processo terá o barco como a grande heterotopia para a sua identidade. Será um barco o que João tentará construir (Antunes, 1998, p.39) depois de toda a crise que vai atingir a quinta que, de certa forma, também representa a heterotopia da *casa portuguesa*. Contudo, a revolução portuguesa retirou do horizonte cultural aquilo que permitia ao barco navegar – o Atlântico.¹⁷ A ausência do mar, algo explicitado várias vezes na narrativa, acaba por transformar essa heterotopia numa *heteterotopia alienante* – um não-lugar efetivo que perdeu a sua função.

O perigo do autismo cultural representado pela empreitada de João em construir um barco acaba se concretizando no caso de Romeu. Um doente mental, por quem Paula se interessa, cujo delírio é enxergar as caravelas do tempo de D. Manuel.

Às vezes de manhã quando afastos as cortinas e vejo as caravelas ancoradas no mar logo distante de casa. Não é o salvavidas pintado de encarnado dos Socorros a Náufragos, não são traineiras, não são canoas e não são barcos de recreio, são as caravelas do Infante, homens barbudos de gibão a carregarem sacos de tonéis, é o rei de cachucho no indicador sentado numa cadeira de veludo a abanar-se com um leque de avestruz no centro de pajens e aias e astrólogos e anões e cadelas, é um conde de joelhos a desdobrar um mapa e a explicar-lhe a Índia.

(Antunes, 1998, p.213)

Romeu é uma espécie de caricatura da tradição nostálgica dos descobrimentos. Também é comprovação de que recolocar o Atlântico no horizonte significa cair novamente no delírio expansionista com as consequências que a guerra colonial já havia

¹⁴ Foucault (2002, p.415).

¹⁵ Moraes (2004, p.49).

¹⁶ Idem p. 49.

¹⁷ Secco (2004, p.58).

demonstrado. A alienação de um Romeu, portanto, significa a incapacidade que alguns setores da sociedade portuguesa de superar a perda do atlântico, a perda do império.